

Porto

Investigadores desenvolvem projecto para disfunção erétil

por lusa

24 Outubro 2011



Um grupo de investigadores portugueses anunciou hoje que vai dar início a um projecto pioneiro para testar se as células da medula óssea podem regenerar os vasos sanguíneos do pénis.

Esta nova abordagem pode ajudar a prevenir a disfunção erétil.

O projecto, a desenvolver pela Faculdade de Medicina do Porto, em colaboração com o Instituto de Biologia Molecular e Celular (IBMC), foi premiado pela Sociedade Europeia da Medicina Sexual, que atribuiu um prémio de 30 mil euros à equipa.

O objectivo dos cientistas Carla Costa, Ângela Castela e Pedro Vendeira é avaliar uma nova abordagem que permita a regeneração do tecido vascular no pénis diabético. Os diabéticos têm uma probabilidade acrescida de sofrer de disfunção erétil, devido aos efeitos da doença sobre os vasos sanguíneos.



Data: 24-10-2011

Título: Investigadores desenvolvem projecto para disfunção erétil

Pub:



Tipo: Internet

Secção: Nacional

"Sabemos que, nos homens diabéticos, as células da vasculatura do pénis morrem mais e mais precocemente. Quando uma célula morre, o organismo tende a repô-la", explica Carla Costa, líder do projeto.

Em comunicado, a investigadora acrescenta que "há células da medula óssea que podem ser recrutadas para áreas lesadas e diferenciarem-se para revestir a vasculatura de vários órgãos, mas não sabemos se o mesmo resulta para o pénis. É essa a hipótese que vamos testar".

Os investigadores vão usar ratos de laboratório diabéticos, aos quais vão destruir a medula óssea. Depois vão transplantar células da medula óssea das suas irmãs e vão verificar se estas células regeneraram o tecido dos vasos do pénis nos ratos diabéticos.

Numa segunda fase do estudo, a mesma equipa pretende avaliar se certos medicamentos utilizados para tratar a disfunção erétil melhoram a função vascular do pénis diabético.

"Suspeitamos que esses fármacos possam potenciar a regeneração vascular peniana, eventualmente através do recrutamento de células da medula óssea e, se assim for, poderemos elaborar futuros estudos clínicos", sublinhou.